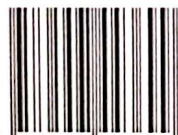


CRISTINO WAPICHANA

"FOI LÁ NO TEMPO ANTIGO DOS NOSSOS ANCESTRAIS. NO TEMPO EM QUE O VENTO ESTAVA APRENDENDO A FAZER REDEMOINHO, E A CHUVA AINDA NÃO SABIA CHOVER. NO COMEÇO DE TUDO, QUANDO O CÉU MORAVA PERTO E TODOS FALAVAM A MESMA LÍNGUA, ERA PURI. MAGIA." NAQUELE TEMPO, AS ÁRVORES SE ESPALHAVAM POR QUASE TODA A TERRA, E UMA DELAS SE DESTACAVA ENTRE AS DEMAIS POR SEU TAMANHO E POR SUAS PROPRIEDADES MÁGICAS: TOMOROMU, A GRANDE ÁRVORE DO MUNDO.

206895

ISBN 978-65-5744-369-9




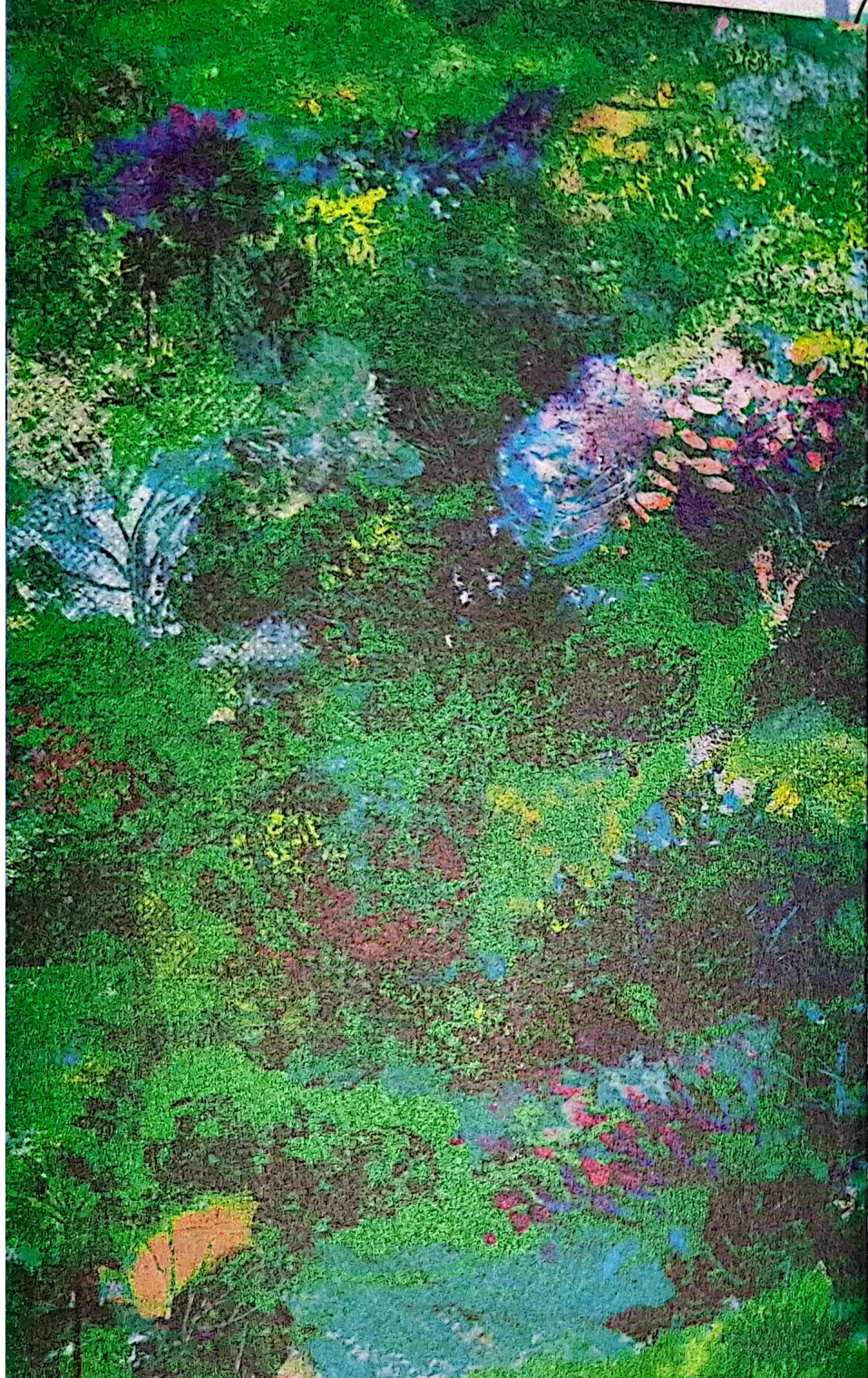
9 786557 443699

TOMOROMU
A ÁRVORE DO MUNDO
RUMU

Ilustrações

MAURICIO NEGRO





TOM

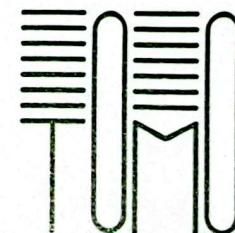
A ÁRVORE DO MUNDO

RUMU

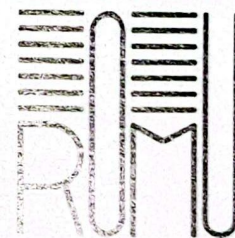
Ao meu amor, Paula Santos, a quem o tempo me presenteou.
Cristino



CRISTINO
WAPICHANA



A ÁRVORE DO MUNDO



Ilustrações

MURICYO
NEGRO



© Cristino Wapichana (texto) e Mauricio Negro (ilustrações), 2020

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos e Olívia Lima
Preparação e revisão: Eliane Santoro, Maira Cammarano e Marcia Menin

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar e Fernanda do Val
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: Bartira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wapichana, Cristino

Tomoromu, a árvore do mundo / Cristino Wapichana ;
ilustrações Mauricio Negro. -- 1. ed. -- São Paulo :
Edições SM, 2021.

ISBN 978-65-5744-369-9

1. Ficção juvenil I. Negro, Mauricio. II. Título.

21-69606

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição setembro de 2021

2ª impressão 2022

Todos os direitos reservados à

SM Educação

Avenida Paulista 1842 - 18º Andar, cj. 185, 186 e 187 - Cctenco Plaza

Bela Vista 01310-945 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

atendimento@grupo-sm.com

www.smeducacao.com.br

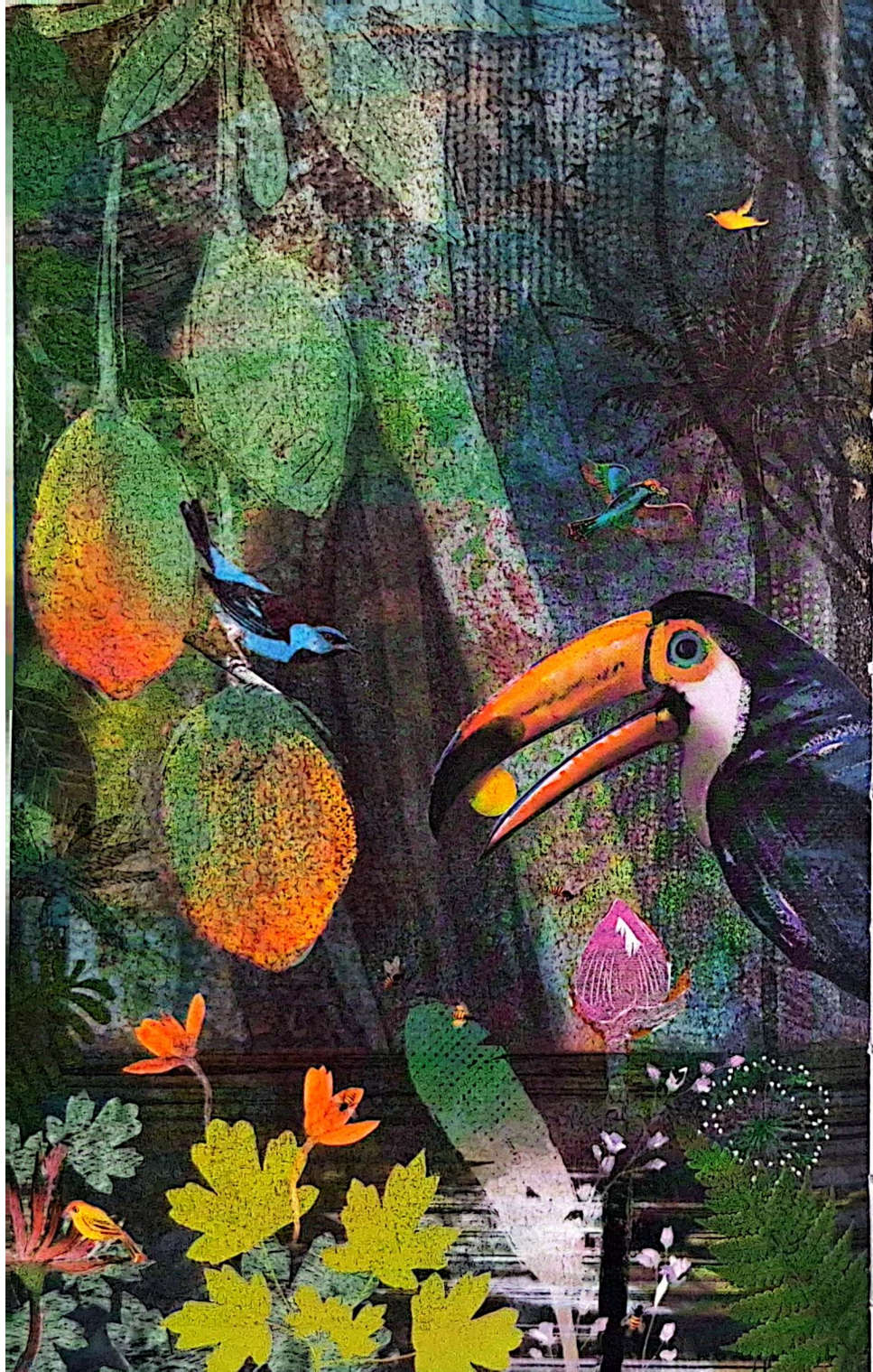
É o tempo
que pinta
o mundo.

Cristino Wapichana



FOI LÁ NO TEMPO ANTIGO dos nossos ancestrais. No tempo em que o vento estava aprendendo a fazer redemoinho, e a chuva ainda não sabia chover. No começo de tudo, quando o céu morava perto e todos falavam a mesma língua, era *puri*. Magia.

Naquele tempo, as árvores se espalhavam por quase toda a Terra. Nem mesmo os pássaros que voavam mais alto, como os gaviões, conseguiam ver o fim do tapete verde. *Tuminkery*, o Criador, cuidadoso, deixava somente o vento, as nuvens e as chuvas caminharem sobre as árvores, sem machucá-las.



Um mundo tão grande não poderia ter somente uma única cor. Então o tempo, senhor do dia e da noite, ganhou do Criador o direito absoluto sobre as cores e também sobre as estações. Ele próprio depositava sementes mágicas de cor em cada planta, depois delicadamente as embrulhava. Cada planta cuidava dos seus botões, que surgiam pelos galhos. E, então, os botões cresciam sonhando abrir-se em flor para revelar os segredos das suas cores, formas e aromas. E eram tantas as flores que não se podia nomeá-las todas. Tingiam a floresta, conforme o desejo do tempo.

Havia lugares em que as árvores com troncos de madeira se misturavam a outras de tronco de pedra, que cresciam até tocarem os pés das nuvens. Tais árvores produziam frutas um tanto azedas ou amargas, alimentos daqueles que moravam sob suas copas.

À sombra das gigantescas árvores rochosas, as árvores lenhosas, como as que conhecemos, acolhiam pássaros de todos os tamanhos, que cantavam e decantavam a vida, de um galho a outro, com breves batidas de asas. Foram eles, segundo dizem, que ensinaram os humanos a cantar e os macacos a guinchar e saltar pelos ramos.

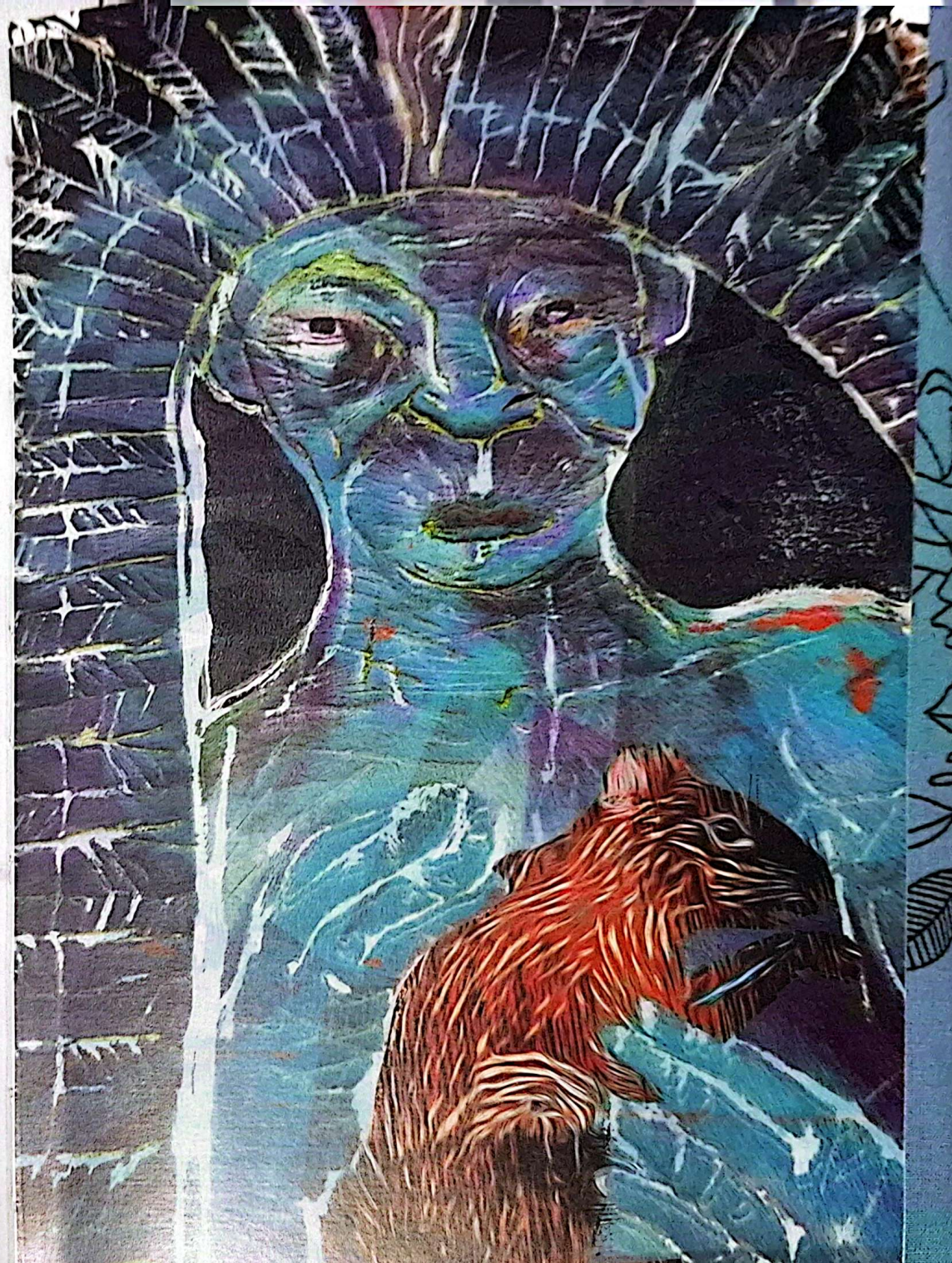
Naquele amplo cenário, morava um cutia-macho. Ele era ainda muito pequeno, e um velho cuidava dele como a um filho. O tempo, senhor das cores e das estações, fez o roedor crescer e ganhar a cor do fogo. Quando amadureceu um pouco, passou a dar suas voltas sozinho pela mata. Ia e vinha, sem a menor preocupação. E o velho quase sempre advertia:

– É de tanto vaivém que as cordas da minha rede de dormir um dia vão se arrebentar...

O cutia, de rabo de olho, não notava que o homem temia que a floresta o engolisse. Mal amanhecia e o pequeno roedor logo partia mata adentro, dominado pelo espírito aventureiro.

Kamuu, o Sol, uma vez dormiu um pouco além da conta. E o cutia, ansioso demais para explorar a floresta, saiu ainda no escuro. Passou o dia inteiro na mata e, quando retornou, o Sol já tinha recolhido suas últimas cores do mundo. Assim que o ancião viu o cutia chegar em plena escuridão, apressou-se em lhe servir água e comida, pois o bicho parecia cansado. O cutia-macho apenas molhou a garganta, olhou para a comida e, com indiferença, se deitou na cama de tronco oco num cantinho da casa. O velho estranhou o comportamento do jovem cutia, mas não fez caso. Apenas disse:

– Foi pela desobediência do tamanduá que *Tuminkery* esticou o focinho dele!



O cutia suspirou fundo e adormeceu. O espírito aventureiro o acordou ainda mais cedo no dia seguinte. Levantou, deu uma espiada na rede do velho, que parecia adormecido, e sumiu na mata escura outra vez. Só voltou depois de o Sol partir. Dessa vez, com a barriga estufada de tão cheia.

Desconfiado, o velho decidiu investigar o que o cutia tinha comido. Primeiro esperou a vovó do sono chegar e então abriu a boca dele com todo o cuidado. Entre os dentes, viu pedacinhos de frutas desconhecidas.

- Então é isso! Amanhã vou descobrir aonde essas patas inquietas têm levado este mocinho. E que frutas cheirosas!

O ancião foi para a rede, cheio de curiosidade. Aquela foi uma noite agitada. Entre um cochilo e outro, despertou antes do companheiro. Fingindo dormir, viu o cutia acordar, se esticar, dar uma espiada na sua rede e partir da toca ainda bocejando. Fora da casa, ergueu-se sobre as patas traseiras, olhou para todos os lados para ter certeza de estar só, farejou o ar algumas vezes e saltitou em direção à floresta.

Mais do que depressa, seu padrinho saltou da rede e o seguiu. Ele conhecia bem o cheiro do cutia e os ruídos que ele fazia denunciavam sua localização.

Mas o pequeno tinha seus truques também. Avançava sempre um pouco, então parava e, de pé sobre as patas traseiras, erguia o focinho e farejava os cheiros da mata. Olhando para todos os lados, sentindo-se seguro, retomava o caminho.

E assim foi com os dois astutos até perto de meio-dia. Cansado daquele esconde-esconde, o velho sentiu uma fragrância gostosa. De imediato reconheceu aquele hálito perfumado de frutas do cutia.

Novamente o cutia parou e ficou em pé para fuçar e checar o entorno. Chegou até mesmo a retornar um pouco pelo caminho na intenção de surpreender alguém no seu rastro. Atento aos movimentos do cutia, o velho se escondeu atrás de uma árvore e ali ficou quietinho. O cutia passou bem ao lado, cheirou e cheirou, mas nada percebeu, e retomou o seu rumo.

Os aromas das mais diversas frutas maduras agora se misturavam sem cerimônia em meio a uma árvore imensa, majestosa. O chão estava repleto delas. O cutia apanhou algumas amarelas e alongadas, achou um lugar aconchegante e começou a descascá-las. Comeu até se fartar e ali mesmo adormeceu.



Sobre aquele chão, colorido pelas frutas de tamanhos, formas e texturas diferentes, era preciso pisar com cuidado para não esmagá-las. O velho jamais havia sentido odores tão deliciosos em toda a vida, nem visto uma árvore como aquela. Tinha enfim descoberto o segredo do cutia. Recolheu e provou algumas frutas que, de tão doces, faziam a boca se encher de água. E, quanto mais comia, mais vontade de comer sentia.

Satisfeito, o ancião juntou um punhado de frutas em sua bolsa de palha e retornou para casa. Enquanto caminhava, feliz com a descoberta, seus pensamentos não se despregavam daquela árvore. De seus altíssimos galhos, magicamente pendiam frutas das mais diversas qualidades. Sob sua copa majestosa, viviam outras grandes árvores que, diante dela, pareciam até acanhadas.

Ao chegar em casa, o velho se sentou e esperou pelo afilhado. Dessa vez, contudo, o cutia não retornou para dormir. Aquela foi a mais escura das noites. Nunca antes seu protegido tinha dormido fora da sua toca confortável, sob seus olhos e cuidados.

No dia seguinte, pelas casas e tocas saiu o velho à procura do pequeno roedor, mas ninguém tinha notícias dele. Havia sumido. E por onde o velho passava, sem se dar conta, vazava pelo trançado da sua bolsa o perfume das frutas. Desalentado, só restou a ele retornar para casa.

Atraídos pela doçura dos aromas e tomados pelo desejo e pela curiosidade, muitos animais o abordaram.

O velho exibiu as frutas e contou a história toda. Explicou que o cutia-macho descobriu uma árvore que dava uma infinidade de frutas saborosas. Falou sobre a árvore mágica de tronco de pedra, tão frondosa quanto alta, cujos galhos mais baixos ficavam entre as nuvens e os mais altos ultrapassavam o *Ydary'u Kamuu*, o grande Sol:

– Nem mesmo o magnífico *Anuwyn*, o urubu-rei, com suas poderosas asas, consegue alcançar essa extraordinária altura, meus parentes! *Tuminkery*, criador de todas as coisas, com seu sopro mágico, deu propriedades especiais a essa árvore colossal.

Eles então a chamaram de *Tomoromu*, a grande árvore do mundo.

O ancião distribuiu pedaços de frutas para que todos provassem. Foi uma noite de festa. Ninguém mais precisaria se alimentar de frutas azedas ou amargas. Os animais ficaram ávidos por conhecer aquela árvore magnífica e ficou combinado que, na manhã seguinte, o velho os levaria até *Tomoromu*.

Muito antes do amanhecer, vários bichos se reuniram em frente da casa do velho, prontos para a expedição. Puseram-se a caminhar, guiados por ele, logo que a luz de *Kamuu* começou a transpassar as folhagens.



Como estavam em grupo, a caminhada foi longa e só no final do dia sentiram o cheiro de frutas maduras. Logo depois encontraram inúmeras delas espalhadas pelo chão, sob a copa daquela árvore suntuosa, magnífica e generosa. Enquanto as degustavam, nomeavam aquelas frutas abundantes: taxi, murici, buriti, cupuaçu, manga, caju, goiaba, banana, melancia e outras tantas maravilhas.

Fartaram-se.

Mas não foi só festa e alegria por todo o sempre. Havia épocas de escassez, porque, embora fosse extraordinária, *Tomoromu* seguia o ciclo natural das árvores. Era regida pelo senhor das estações, que despia ou vestia seus galhos de pedra com folhas, pintava suas flores e conferia sabor às frutas, que, quando maduras, se desprendiam em voo livre da árvore-mãe até chegar ao chão. Todos careciam dormir para renovar as energias. E assim também *Tomoromu*, e seu gigantesco tronco de pedra, precisava de descanso. Nesses períodos de escassez, as frutas cadentes não eram suficientes para todos, gerando frustração e discórdia.

Cabia ao velho apaziguar os ânimos.

– Sejam pacientes, logo teremos fartura novamente – dizia o ancião.

Certo dia, porém, apareceram dois homens. Um deles se chamava *Duid*, e do outro ninguém sabia o nome. Os dois estrangeiros permaneceram por muitas luas observando a vida dos moradores e o ciclo da grande árvore. Até que todos se acostumaram com a presença deles.

Chegou enfim o tempo de *Tomoromu* florescer e frutificar. Suas frutas cobiçadas vieram e depois naturalmente começaram a diminuir. Animais e gentes iniciaram a disputa pelas poucas frutas que caíam. *Duid*, o teimoso, aproximou-se dos briguentos e disse:

– Amigos, vocês não precisam brigar por tão poucas frutinhas nem esperar que caíam de maduras para comer. Eu tenho um plano e garanto que teremos frutas o tempo todo, e em abundância, mas vocês precisam confiar em mim.

Derrubar *Tomoromu* era o plano de *Duid*. Todos os dias, ele insistia:

– Irmãos, se cortarmos *Tomoromu*, ela se dividirá em milhares de pequenas árvores, que darão suas próprias frutas.

– Mas não podemos fazer isso! – reagiu *Puaty*, o macaco. – Como saberemos se isso dará certo?

– E também seria impossível cortar uma árvore desse tamanho... – retrucou mais alguém.

Os conselhos do velho foram também desprezados. Até que *Duid*, seu parceiro sem nome e mais um punhado de animais decidiram derrubar *Tomoromu*.

Numa noite, *Tuminkery* visitou o velho em sonho. Ao amanhecer, o ancião chamou o gavião-real e pediu que convocasse uma assembleia, porque tinha um recado do Criador. Foi quando contou o sonho e lembrou a todos que *Tomoromu* os alimentava e os abrigava desde que ali chegaram. Derrubar a árvore do mundo claramente desagradaria *Tuminkery*.

Passados alguns dias, *Duid* e o amigo foram até *Tomoromu*, cada qual com seu machado de pedra. Foi *Duid* o primeiro a imolar a grande árvore com sua ferramenta, encorajando os demais. Espalhados ao redor do imenso tronco, cada um desferiu seus golpes. Foram dias e noites de suplício para *Tomoromu*. Os sons das machadadas ecoaram tristeza pelas matas. Cada talho sangrou e enfraqueceu *Tomoromu*. Mesmo sob agressão, a mãe de todas as árvores continuou a oferecer aquelas frutas doces, caídas de seus galhos. Os golpes desferidos faziam soar cantos aterrorizantes, que se prolongaram por várias luas. Enquanto a mãe de todas as árvores agonizava, seus gemidos eram ouvidos ao longe. Os estalidos compassados do tronco de *Tomoromu* prenunciaram o inevitável destino.

Foi logo no início da madrugada que ela, enfim, começou a tombar. Entre gritos, lamentos e desespero, muitos fugiram e se espalharam pela floresta. A velha árvore mágica de pedra por fim desfaleceu.



Naquela época, *Kamuu*, o Sol, morava bem pertinho, na metade do céu, e, durante a queda, um galho da mãe de todas as árvores o arrastou para dentro do grande rio Orinoco. Ao chocar-se com violência contra as águas, *Kamuu* despedaçou-se. Sua luminosidade, que antes revelava as belezas do mundo, virou fagulhas na barriga do grande rio.

A escuridão encheu o mundo.

Das fendas abertas no imenso tronco de pedra de *Tomoromu*, começou a jorrar muita água, ameaçando inundar todo o mundo. Muitos pegaram paus, pedras, barro e tudo o mais que conseguiram juntar para tentar tapar as fendas.

Outros tantos foram resgatar as brasas do Sol, antes que ele se apagasse por completo. A anta pôs-se à frente como guia, porque *Tuminkery* botou na ponta de cada uma de suas orelhas uma faixa branca para brilhar no escuro. (Até hoje essas pequenas manchas brancas estão lá.) Foi uma longa caminhada. Exaustos, chegaram à beira do grande rio. Sem perda de tempo, um dos homens do grupo comentou:

- Acho que *Kamuu* está por aqui.

Então, encheu os pulmões e mergulhou. Mas a procura durou pouco. Quase sem fôlego, voltou logo à superfície, sem ter visto nada.

- É inútil! - bradou o homem, fatigado. - Viveremos no escuro!

O jacaré pediu calma. E o pato disse:

- Deixem comigo. Eu irei até lá.

Caminhou até a beira do rio, entrou na água com sua canoa emplumada, suas patas feito remos, respirou profundamente e submergiu. Foi um mergulho demorado, preocupando os companheiros, até seu retorno à superfície, quando exclamou:

- Eu vi! Os pedaços de *Kamuu* estão lá no fundo do rio!

A ariranha, ali às margens, comentou animada:

- Eu posso ir mais fundo que você! Vou lá confirmar!

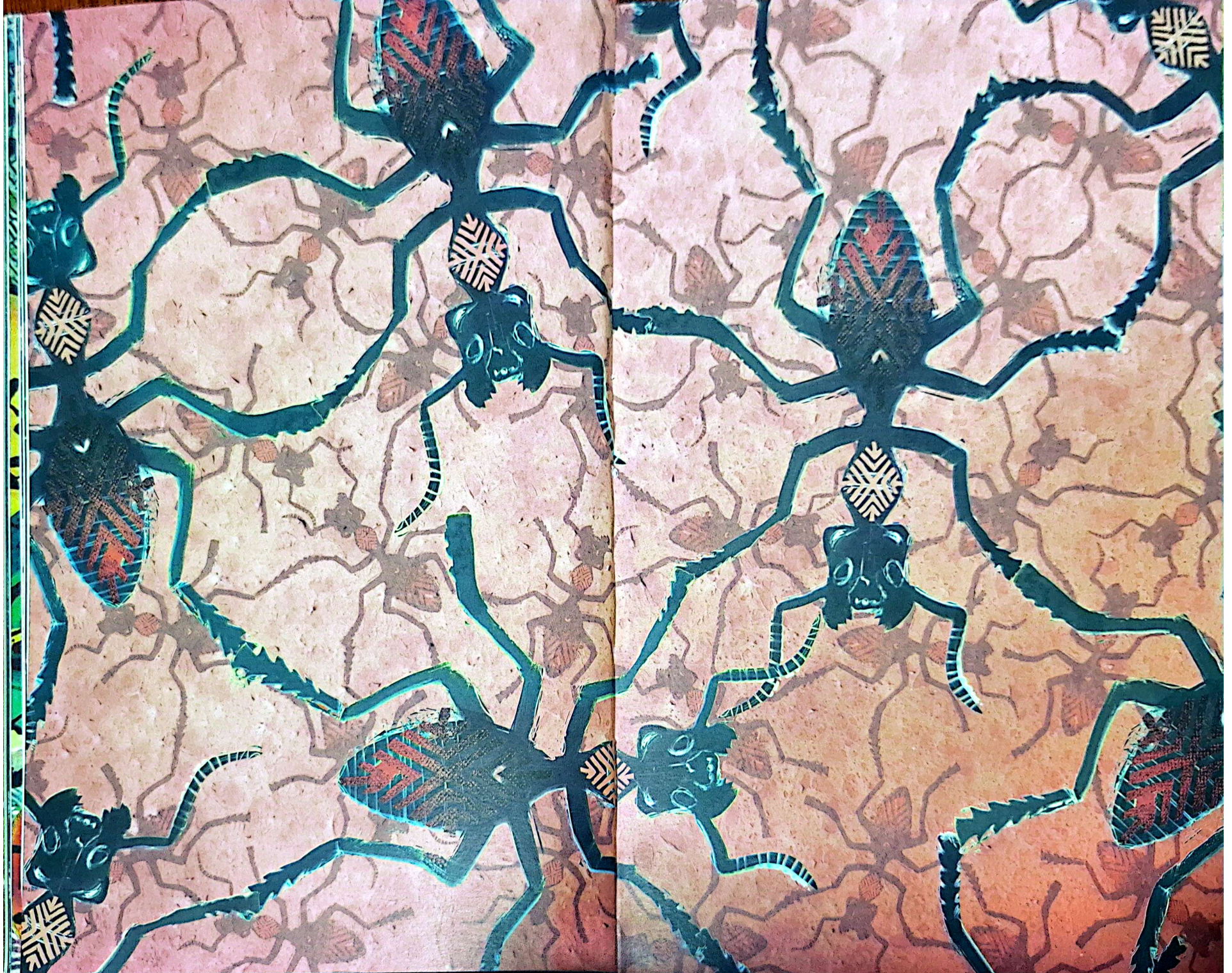
E assim foi. Inspirou rapidamente, e os animais acompanharam seu corpo esguio de quase peixe, que lhe dava uma incrível agilidade, mergulhar. Seu mergulho foi ainda mais demorado que o do pato. Ela surpreendeu a todos quando emergiu com um salto acrobático.

- Estão lá! Estão lá, sim! - confirmou a ariranha

Aqueles eram mesmo os pedaços cintilantes de *Kamuu*. Mas como trazê-los à superfície? Quem teria força ou habilidade para apanhar as brasas do Sol naquela profundidade? O entusiasmo inicial virou frustração e cansaço. Parecia que todos os esforços tinham sido em vão.

- Estamos perdidos! Vamos morrer! - temeram alguns.

Mas as formigas guerreiras, chamadas de *wico*, também estavam ali. Seguindo seu líder, desceram às profundezas para resgatar os pedaços do Sol. As *wicos* assim fizeram emendando os seus corpos numa longa corrente.



No momento certo, com força puxaram os pedaços de *Kamuu*, um a um, que depois foram depositados na beira do rio. *Kamuu* já estava frio e bem debilitado. Seus fragmentos piscavam como frágeis vaga-lumes.

Porém, aos poucos, o Sol foi se reconstituindo. Uma corujinha foi escolhida para avisar a todos sobre o resgate de *Kamuu*, animando assim aqueles que se ocupavam de tampar as fendas abertas no tronco de *Tomoromu* para que o mundo não inundasse.

Mesmo ao longe, os animais compreenderam o recado. *Kamuu* recuperava seu esplendor à medida que a corujinha cantava e batia cada vez mais as asas. E então o mundo pôde restaurar suas formas, cores e tons.

Kamuu, em pleno fulgor outra vez, não quis nem saber de ficar perto das nuvens e foi morar no teto do céu. Assim contam os nossos avós. O Sol voltou a irradiar, como acontece ainda hoje. A noite tornou a exibir estrelas, as primas da Lua, que flerta com o amado *Kamuu* por eternos instantes.

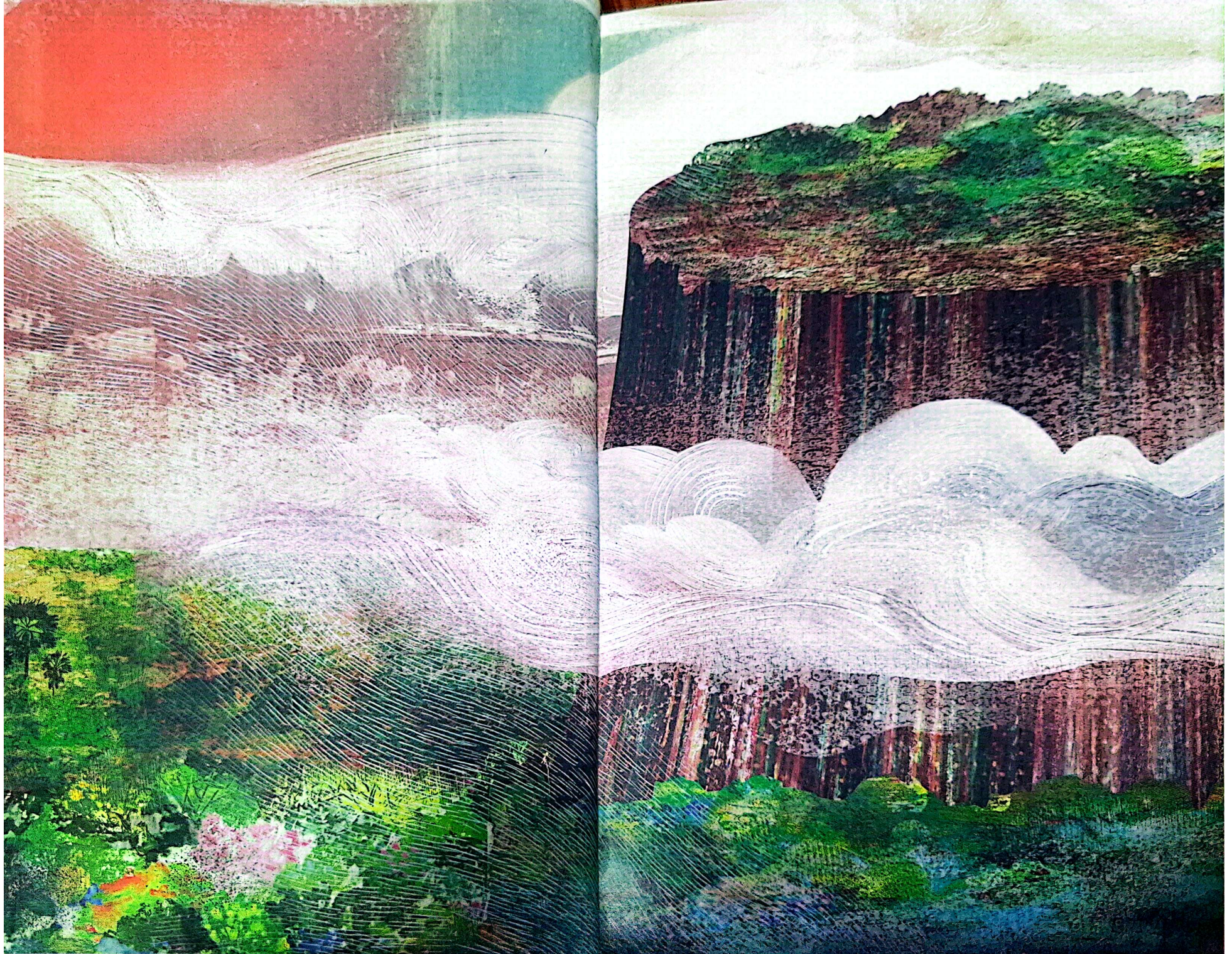
Restou aos homens plantar para comer. Cada árvore passou a produzir apenas a sua própria fruta. Os animais foram distribuídos por diversos ambientes. Alguns foram morar nas águas. Outros, na terra.

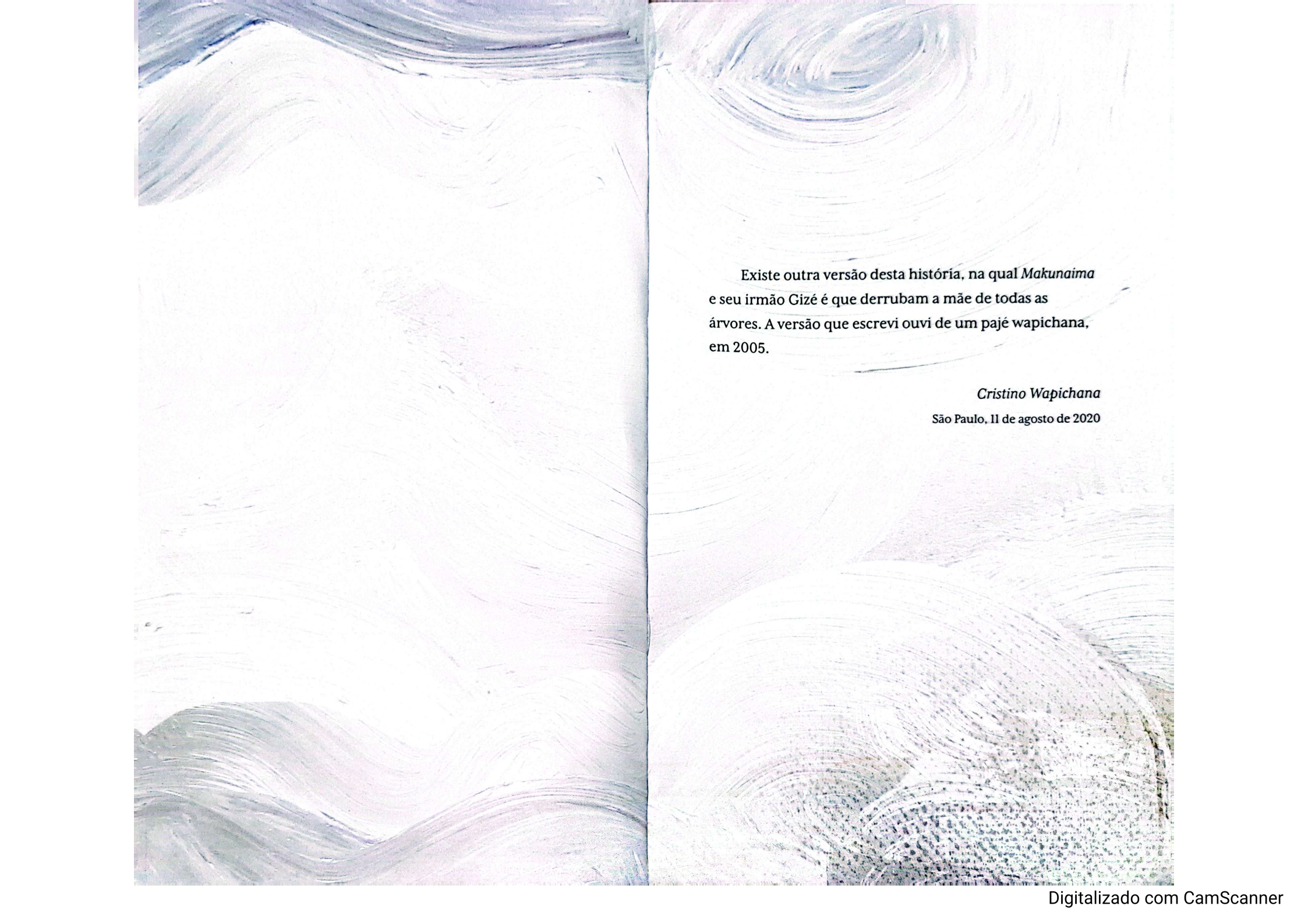
E passaram a se revezar, ora como predadores, ora como predados; ora como caçadores noturnos, ora diurnos. O mundo mágico, *puri*, foi alterado pela queda de *Tomoromu* e pelo trauma de *Kamuu*. Do tronco decepado de *Tomoromu*, de onde jorrava muita água, nasceram os rios, lagos, igarapés e todos os peixes daquela amplidão.

A corujinha ainda canta no final de cada madrugada para lembrar os homens e animais daquele terrível período de escuridão e também anunciar o despontar de um novo dia.

O tronco de *Tomoromu* ainda está lá. Rios brotam de suas fendas, que jamais foram totalmente tapadas. Quedas-d'água e piscinas naturais espalham-se por toda a superfície do tronco pétreo gigante, que tem quase três mil metros de altura.

Ah! *Duid* e seu amigo? As primeiras águas que jorraram do tronco perfurado de *Tomoromu* os condenaram às profundezas. *Tomoromu*, segundo os Wapichana, tombou desse modo. E o seu tronco glorioso é reverenciado por todos que o visitam. Eu me refiro ao monte Roraima, mãe de todas as águas. É lá a morada de *Makunaima*, local sagrado onde repousam os espíritos de nossos ancestrais.





Existe outra versão desta história, na qual *Makunaima* e seu irmão *Gizé* é que derrubam a mãe de todas as árvores. A versão que escrevi ouvi de um pajé *wapichana*, em 2005.

Cristino Wapichana
São Paulo, 11 de agosto de 2020



SOBRE ESTE LIVRO

O AUTOR

Cristino Wapichana é natural do povo indígena Wapichana. Nasceu em Boa Vista, Roraima, e mora atualmente em São Paulo. É músico, compositor, escritor, contador de histórias e produtor do Encontro de Escritores e Artistas Indígenas. Traduzido para o sueco e o dinamarquês, seu livro *A boca da noite: histórias que moram em mim* recebeu a Estrela de Prata do Prêmio Peter Pan (2018), do International Board on Books for Young People (IBBY), o Ofélia Fontes (2017), da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), o Jabuti (2017), da CBL, e foi selecionado para o catálogo alemão White Ravens (2018), da Biblioteca Internacional da Juventude, que escolhe internacionalmente os melhores livros infantis e juvenis do ano. *Sapatos trocados* entrou para o Acervo Básico da FNLIJ (2015), o texto *A onça e o fogo* venceu o 4º Concurso FNLIJ Tamoios de Literatura Indígena (2007) e *O cão e o curumim* foi finalista do Prêmio Jabuti (2019), além de ter recebido o selo Altamente Recomendável FNLIJ. Cristino é também um dos autores de *Nós*, uma antologia de literatura indígena certificada pela Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio (2019) e pelo White Ravens (2020) e vencedora do Prêmio FNLIJ (2020). Além disso, foi indicado à Ordem do Mérito da Presidência da República em 2008 e 2014, nomeado Patrono da Cadeira Literária 146 da Academia de Letras dos Professores (ALP) da cidade de São Paulo e o escritor escolhido em 2018 para figurar na Lista de Honra do IBBY.



O ILUSTRADOR

Mauricio Negro nasceu em São Paulo, capital. É ilustrador, escritor, *designer*, comunicólogo e gestor cultural. Dedicase a pautas socioambientais, tradicionais ou contemporâneas, com frequência associadas à diversidade brasileira. Produz conteúdo, cria identidade, faz comunicação, coordena produções e eventos relacionados à literatura, à música, à educação, ao cinema e à *web*. Participou de catálogos e exposições em diversos continentes. Organizou e ilustrou a premiada antologia de literatura indígena *Nós* (2019). Tem livros publicados em português, inglês e francês, pelos quais recebeu prêmios importantes, como o NOMA Encouragement Prize (Japão), o The Merit Award/Hiii Illustration (China), o Prêmio Jabuti, o Prêmio FNLIJ, o Prêmio Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, o Prêmio AGES Infantil e o Prêmio XX SIDI. Também foi indicado para integrar o catálogo White Ravens (Alemanha) e foi finalista do CJ Picture Book Festival e do One World Music Awards.

O MONTE RORAIMA E O POVO WAPICHANA

Por Mauricio Negro

Há mais de 307 povos indígenas no Brasil, entre os quais o povo Wapichana, do tronco linguístico Aruak. O território wapichana atual vai do Brasil à Guiana, ou melhor, do vale do rio Branco ao vale do Rupununi. Muitos Wapichana vivem no vale do rio Tacutu. Outros, no vale do rio Uraricoera. A região de campos naturais, savanas e florestas que circundam o monte Roraima – no chamado escudo guianense, divisor de águas vazantes sobre os rios Amazonas, Essequibo e Orinoco – é habitada pelos povos Pemon e Kapon. O vizinho deles mais ao sul é o povo Wapichana, cuja maioria vive no Brasil e convive amistosamente com esses povos. Sua cultura tem mais de quatro mil anos. Por tempos, os Wapichana foram dominantes nos lavrados de Roraima, onde caçam, pescam, coletam e cultivam, nos roçados, mandioca, milho, tubérculos, leguminosas e frutas, sempre em regime de coivara e rodízio. Recorrem hoje, quando há escassez, à criação de animais de pequeno porte, como aves e suínos, e mesmo de gado bovino.

A despeito das tensões históricas, a língua e a cultura estão preservadas e são ensinadas nas escolas das aldeias. Sobretudo no lado brasileiro, mesmo próximo aos centros urbanos, há zelo pela língua materna. Segundo a tradição, o mundo atual é o resultado da transgressão da ordem original, que diferenciou o tempo do espaço e provocou a diversificação das espécies. Foi quando a fala perdeu a sua força, que agora apenas se manifesta no discurso ritual. Do ponto de vista wapichana, a fala é o registro da própria humanidade. O princípio vital, presente na fala, no sangue, na respiração, é o *odorona*. Quando morremos, *odorona* se esvai, e ficamos brancos e frios. Por ser um princípio

cumulativo, só na velhice, quando somos mais alma do que corpo, a fala chega à plenitude. A sabedoria, na proporção da alma, transmite-se pela oratória.

A palavra “roraima” significa “serra do caju” para alguns; para outros, “verde serra” e, ainda, “mãe dos ventos”. Essa palavra denomina uma das mais antigas formações geológicas terrestres, com cerca de dois bilhões de anos, anterior à separação dos continentes, um local com nascentes e cachoeiras. O monte Roraima está situado em um terreno montanhoso, rodeado de outros maciços que formam o chamado grupo Tepui, que lembram mesas. Tem 31 km² de extensão e compreende o sul da Venezuela, o extremo norte do Brasil e o oeste da Guiana. Na literatura estrangeira, foi descrito pela primeira vez em 1595, por sir Walter Raleigh, no livro *Montanha de cristal*. Inspirou também o criador do famoso detetive Sherlock Holmes, Arthur Conan Doyle, em *O mundo perdido*, de 1912.

Referências

- CADETE, Casimiro Manoel. *Dicionário Wapichana-Português/Português-Wapichana*. São Paulo: Loyola, 1990.
- FARAGE, Nádia. A ética da palavra entre os Wapichana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998.
- REIS, Nelson Joaquim. Monte Roraima, RR: sentinela de Macunaima. In: WINGE, Manfredo et al. (ed.). *Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil*. Brasília: Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)/ Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (Sigep), 2009. v. 2. p. 89-98.
- WAPICHANA. In: *Povos Indígenas no Brasil*. [S. l.: Instituto Socioambiental, 2008]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wapichana>. Acesso em: 19 jan. 2021.

A MÃE DAS ÁRVORES

Por Alcione Pauli*

Você acaba de ler um conto indígena de tradição oral considerado uma história de criação (também chamada de mito de origem) do povo Wapichana, um dos mais de trezentos povos originários que vivem no Brasil. Nessa importante narrativa, você deve ter notado que o tempo é uma personagem determinante para a história, estando a ancestralidade em conexão com a magia, o encantamento.

Isso já está anunciado na epígrafe do autor: “É o tempo que pinta o mundo” – um enunciado que pode resumir o sentido do que será lido ou mesmo estimular sua leitura, funcionando como mote.

Ao virar as páginas, deparamos com uma paisagem celeste de tirar o fôlego, em que tudo é movimento, um sopro do que está por vir.

E assim somos introduzidos à criação do mundo na cultura wapichana, um mundo mágico, povoado de árvores e que tem o tempo como senhor. Como a criação não tem limites, nesse mundo que é a floresta (parte dela representada na segunda e terceira capas do livro), árvores com troncos de madeira (lenhosas) dividem território com árvores de tronco de pedra (rochosas). Delas, brotam flores que tingem a floresta de cores exuberantes, onde vive toda sorte de animais, como mostram as ilustrações das páginas 8, 14-15 e 18, representando a flora e a fauna típicas do Brasil e da Região Norte do país.

* Alcione Pauli é mestra em Patrimônio Cultural e Sociedade, formada em Letras e Pedagogia. Atua como professora no ensino público (Infantil e Fundamental II). Na universidade, coordena o grupo de leitura e contação de histórias Jornada do Prolif/Univille.

Novo virar de páginas e somos apresentados a duas importantes personagens dessa história: o velho e o cutia-macho. Note a relação íntima que há entre o homem e o animal, que aparece não só na ilustração da página 11, como também no trecho em que o narrador estabelece uma relação de parentesco entre eles: o cutia é chamado de protegido e afilhado do velho. Em outra ocasião, o próprio velho chama os demais animais de parentes. Ou seja, já é possível perceber a integralidade entre o ser humano e a natureza nessa narrativa e o lugar determinante que ocupam os animais, os rios e a flora no rumo das ações.

São essas personagens que descobrem a majestosa árvore mágica, contendo um colorido de frutas saborosas de tamanhos, formas e texturas diversos. Na verdade, o cutia, uma espécie de espírito irrequieto da floresta, ou mesmo uma visagem, é quem deflagra a ação, mobilizando o velho a ir atrás da árvore do mundo, o que vai provocar uma mudança radical no estado natural das coisas.

Ao tomar conhecimento da surpreendente árvore, a população local se farta de suas frutas. Porém, um dia, devido ao ciclo natural das estações, vem a escassez e, com ela, a discórdia e a ambição. O velho tenta apaziguar os ânimos. Coincide que dois forasteiros humanos chegam ao território e arquitetam derrubar a árvore, sob o argumento de que, assim, teriam produção de mais frutas, em uma clara alusão à ganância humana e à exploração predatória do meio ambiente.

Ainda que houvesse resistência do velho e de mais alguns, a maioria foi convencida pelos forasteiros, e a árvore mágica foi afinal derrubada. Aí se inicia o desequilíbrio natural.

O Sol (*Kamuu*) – que, nessa tradição, é visto como uma entidade – é arrastado por um imenso galho da “mãe de todas as árvores” para as profundezas do rio Orinoco, deixando

o mundo na escuridão. Diferentemente do livro do Gênesis, por exemplo, que trata da criação do mundo pela perspectiva judaico-cristã, em que Deus é o criador do dia e da noite, nessa narrativa wapichana e em outras da cultura indígena, a divindade está presente entre o encantado (*puri*) e os animais. Aqui, quem salva o mundo da escuridão total são os bichos locais, e não uma divindade.

No final do conto, sabemos que assim surgem o monumental monte Roraima e toda a geografia e a flora da região, onde vivem os Wapichana e alguns outros povos indígenas. O tronco decepado de uma árvore ancestral mágica e generosa, que alimentava a todos, transforma-se, seguindo a força da natureza, em uma das mais impressionantes formações geológicas do país, comumente associada, por povos da região, a nascentes de rios e cachoeiras.

NARRATIVA VISUAL

O escritor indígena Cristino Wapichana e o ilustrador Mauricio Negro são parceiros de longa data. Não à toa, nos apresentam uma narrativa que ecoa memórias sensíveis, em que imagens e palavras dialogam, expandindo os significados umas das outras. Vamos a alguns exemplos.

Ricas em detalhes e cores, as ilustrações alternam pontos de vista, como nas paisagens do céu e do monte Roraima visto de cima, como se o estivéssemos sobrevoando.

Tomoromu – palavra impressa que representa a mãe das árvores. Como traduzir em imagem esse conceito? Na capa e na página 18, Mauricio Negro nos transforma em leitores do tamanho de um inseto, para imaginar a magnitude da grandiosa árvore, e a coloca na perspectiva de visão de baixo para cima, como a nos lembrar da nossa pequenez. Em outros casos, mescla elementos da realidade e da fantasia, criando metáforas visuais, como na ilustração do velho e do

cutia (p. 11). As inevitáveis marcas do tempo impressas na figura do velho denotam sua idade e também sua sabedoria, advinda de seus tantos anos vividos e reforçada por seu imenso cocar, o que lhe confere imponência. No centro de seu peito está aninhado carinhosamente o singelo cutia, seu afilhado, que parece pulsar, como se fosse o próprio coração do velho, em uma ligação íntima, forte e ritmada entre os dois.

Mauricio provoca nosso olhar ao representar a destruição de *Tomoromu* por meio da cabeça de *Duid*, com a boca vorazmente escancarada, como que a engolir as folhas da árvore sobre ele (p. 22-23). A ilustração gera esse efeito principalmente ao embutir no rosto da personagem, como se fizessem parte dele, os animais que seduziu para a ação de derrubada da árvore.

O salvamento do *Kamuu* foi levado a cabo pelas formigas guerreiras. Ao ilustrar a cena, Mauricio cria uma espécie de trama, como em uma peça de cestaria indígena, mostrando como as formigas estão interligadas, unidas e presentes na tarefa de salvar o Sol. Juntas, são poeticamente muitas e ao mesmo tempo uma única rede.

Os traços, as cores, a diversidade da fauna e da flora brasileiras estão o tempo todo presentes, especialmente nas imagens dos animais silvestres, das frutas, dos frutos e das sementes. Um detalhe interessante é a composição do título na capa, remetendo à figura de árvores.

LITERATURA E SUAS CONEXÕES

Quem já comeu uma fruta tirada diretamente do pé sabe a experiência sensorial que isso gera. São aromas, sabores e texturas que se misturam, encantam nossos sentidos e nos conectam à terra e à sua fecundidade. Fartar-se aos pés de *Tomoromu*, uma espécie de mãe das árvores, devia ser algo ainda mais intenso e mágico. Essa ideia da árvore

como vida e criação está presente também em outras produções artístico-culturais (literárias ou não), e é interessante tecer paralelos entre algumas delas, seja pelo tema, seja pela abordagem.

Por exemplo, o autor mato-grossense Manoel de Barros (1914-2014), cuja obra poética tem uma força interna ligada à natureza, permite um rico diálogo com a obra de Cristiano Wapichana. Barros é definido como poeta da “vanguarda primitiva”, em uma referência às vanguardas e ao Modernismo brasileiro da primeira metade do século XX. Em seu poema “Árvore” (Barros, 2010, p. 394-395), por exemplo, nota-se a personificação da árvore e também seu contrário, a transformação de um humano (no caso, o irmão do eu lírico) em árvore, tornando-se um ser único e criando assim uma bela figura poética de ligação, interdependência. Barros nos faz lembrar – assim como a árvore-mãe dos Wapichana – de que somos apenas parte deste imenso Universo ao qual pertencemos.

Outra conexão, dessa vez com a sétima arte, é a que se pode estabelecer com o longa-metragem *Avatar*, de James Cameron (Estados Unidos, 2009), uma produção cinematográfica cuja temática se aproxima à de *Tomoromu: a árvore do mundo*. Nesse filme, o povo Na’vi habita Pandora, um lugar a 4,4 anos-luz da Terra. No ano 2154 d.C., ocorre em Pandora um conflito entre os colonizadores humanos e os nativos por causa de um preciosíssimo mineral, o *unobtanium*, que os humanos querem explorar. Para isso, têm de destruir Eywa, a árvore das almas, mãe de todas as coisas, sendo a própria alma do povo. Assim como *Tomoromu*, Eywa é dadivosa e simboliza cura e vida, nutrindo a todos com seus frutos e sua beleza. Além disso, em ambas as narrativas, elas são ameaçadas pela ganância e pelo egoísmo dos seres humanos, chamando a atenção para a importância do cuidado para com o meio ambiente e as populações de seu entorno.

O livro *das árvores* (Gruber, 1997), obra indígena coleti-va organizada por professores do povo Ticuna, do Amazo-nas, reitera a figura da árvore em sua história de criação: “As árvores existem há muitos anos no mundo. Muito antes do início da existência do povo Ticuna” (p. 41). O início da obra traz o conto “A samaumeira que escurecia o mundo”, que narra o surgimento do dia em um tempo ancestral em que não havia claridade. Foi com a derrubada da árvore samaumeira que surgiram as estrelas, o dia e a noite; de seu tronco formou-se o rio Solimões, e de seus galhos nasceram outros rios e igarapés. As árvores samaumeira e *Tomoromu* são similares e ao mesmo tempo diferentes. Cada uma delas compõe uma história única, mas ambas as narrativas, em contraponto, se ligam. As duas árvores estão relacionadas à formação de rios importantes; elas são fonte de vida e protagonizam a origem do mundo como o conhecemos hoje.

Essas são apenas algumas pontes; muitas outras podem ser estabelecidas.

DO CONTO AO RECONTO

Tomoromu: a árvore do mundo é, do ponto de vista dos gê-neros literários, um conto. Nele, o narrador é onisciente, ou seja, sabe de todos os detalhes da narrativa, e o enredo apresenta uma sequência de fatos e ações que pode ser esquematicamente dividida nas seguintes partes: a apresentação, em que o autor discorre sobre a criação do mundo (que é a floresta) e a árvore mágica, assim como introduz as principais personagens da trama; o conflito, que se dá no desejo de derrubar a árvore sagrada; o clímax, que ocorre quando a árvore é tombada e o Sol é arrancado do céu por um de seus galhos imensos; e, por fim, o desfecho, em que a árvore se transforma no monte Roraima, até hoje reverenciado pelo povo Wapichana como “mãe de todas as águas”.

No final da narrativa, Cristino nos informa sobre a fonte da história aqui recontada em sua versão (p. 33). Esse é um procedimento comum na literatura indígena, ou seja, aquela publicada por autores e autoras dos povos originários. Na apresentação ou na parte final do texto, os autores costumam referenciar o povo de onde veio a história (no caso de narrativas de origem como esta, elas nascem de contos de transmissão oral) e mencionar que há outras formas de recontá-la. Esse cuidado reforça a importância da identidade dos povos, sublinhando o respeito à diversidade de culturas indígenas e à particularidade de transmissão de cada história.

É importante comentar também que o *Makunaima* mencionado por Cristino Wapichana pertence a um mundo bem diferente do mundo da obra modernista *Macunaima*, de Mário de Andrade (1893-1945). Segundo Cristino, em seu texto “Makunaima x Macunaima”, na construção de seu *Macunaima*, Mário de Andrade, com liberdade poética, inspirou-se na figura de *Makunaima*, dos povos indígenas Taurepang, Arekuna, Wapichana, Macuxi, Ingarikó, Pemon e outros que vivem na tríplice fronteira Brasil, Venezuela e Guiana em torno do monte Roraima. No entanto, nunca teve contato ou conviveu com esses povos, sendo suas fontes indiretas. Na concepção de seu *Macunaima*, o autor utilizou registros do etnólogo e explorador alemão Koch-Grümbert (1872-1924), feitos em suas viagens à tríplice fronteira no norte do Brasil, e os mesclou a outras fontes, vindas de Capistrano de Abreu, Couto Magalhães, Pereira da Costa, e a relatos orais em geral.

Já o *Makunaima* aqui citado faz parte do universo tradicional indígena, sendo, nas palavras de Cristino: “a figura mais importante quando se trata da ancestralidade dos povos da tríplice fronteira”; “o guerreiro que vive no topo do monte Roraima, vigiando o mundo e o universo celeste, protegendo os povos que ele conhece”.

LITERATURA INDÍGENA

Daniel Munduruku, um dos principais expoentes da literatura indígena, com mais de cinquenta livros publicados, muitos deles ilustrados por Mauricio Negro, tem uma trajetória marcante nesse movimento literário. Daniel o inicia, e logo Cristino se junta a ele no Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (Nearin), no Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (Inbrapi) e na FNLIJ. A partir de 2004, de forma coletiva, organizam e promovem concursos, eventos e encontros incentivando a escrita entre os indígenas e o trabalho em sala de aula com essa temática.

De início, havia muitos questionamentos sobre a literatura indígena, sobretudo se poderia ser enquadrada em uma estética literária específica ou não. Atualmente, porém, com o avanço do movimento, o crescente número de escritores indígenas e o reconhecimento nacional e internacional, não há mais dúvidas: trata-se de uma literatura que tem suas marcas e particularidades.

Segundo Carlos Augusto Novais, no *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*, a literatura indígena se apresenta sob a forma de gêneros variados, como: cantos; poemas; contos sobre a origem do mundo, sobre animais, sobre fatos cotidianos e da vida em geral; relatos de cerimônias; etc. Essas narrativas podem ser feitas com base em histórias tradicionais, na forma de recriação ou reconto, ou ser uma criação individual. Em geral abordam questões de identidade, preservação de memória social ou de conhecimentos tradicionais e compartilhamento de uma visão ou vivência estética sobre o mundo.

O divisor de águas nesse movimento pela literatura indígena no Brasil ocorreu justamente quando Cristino Wapichana recebeu a Estrela de Prata do Prêmio Peter Pan, concedida pela renomada instituição suíça IBBY, com o livro

A boca da noite: histórias que moram em mim, seguida de outros prêmios brasileiros importantes.

A trilha virou caminho consolidado. A literatura indígena está firmada. As vertentes apresentam muitas possibilidades, com boas reflexões, diálogos, sutilezas, belezas e infinitas aprendizagens. São muitas vozes, vindas dos vários povos originários que habitam o Brasil. Cada um com sua identidade, mostrando com sua "pena" quem são, qual é sua arte, sua forma atual de compreender o mundo, sua língua e seus encantamentos. Tudo isso compartilhado com muita liberdade e cuidado com todos os que sabem ter ouvidos e olhos de esperança e sonho.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Poesia completa de Manoel de Barros*. São Paulo: Leya, 2010.
- CAGNETI, Sueli de Souza. *Leituras em contraponto: novos jeitos de ler*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- CAGNETI, Sueli de Souza; PAULI, Alcione. *Trilhas literárias indígenas para sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- GRUBER, Jussara Gomes (org.). *O livro das árvores*. Benjamin Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingues; São Paulo: Global, 2000.
- MUNDURUKU, Daniel. *Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver*. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.
- NOVAIS, Carlos Augusto. Literatura indígena. In: *Glossário Ceale: termos e alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-indigena>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- WAPICHANA, Cristino. Makunaima x Macunaima. *Educação em Linha*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 13, p. 16-17, jul./set. 2010. Disponível em: <https://educacaoemlinha.com.br/arquivos/EducacaoemLinha13.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021

LITERATURA INDÍGENA

Daniel Munduruku, um dos principais expoentes da literatura indígena, com mais de cinquenta livros publicados, muitos deles ilustrados por Mauricio Negro, tem uma trajetória marcante nesse movimento literário. Daniel o inicia, e logo Cristino se junta a ele no Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (Nearin), no Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (Inbrapi) e na FNLIJ. A partir de 2004, de forma coletiva, organizam e promovem concursos, eventos e encontros incentivando a escrita entre os indígenas e o trabalho em sala de aula com essa temática.

De início, havia muitos questionamentos sobre a literatura indígena, sobretudo se poderia ser enquadrada em uma estética literária específica ou não. Atualmente, porém, com o avanço do movimento, o crescente número de escritores indígenas e o reconhecimento nacional e internacional, não há mais dúvidas: trata-se de uma literatura que tem suas marcas e particularidades.

Segundo Carlos Augusto Novais, no *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*, a literatura indígena se apresenta sob a forma de gêneros variados, como: cantos; poemas; contos sobre a origem do mundo, sobre animais, sobre fatos cotidianos e da vida em geral; relatos de cerimônias; etc. Essas narrativas podem ser feitas com base em histórias tradicionais, na forma de recriação ou reconto, ou ser uma criação individual. Em geral abordam questões de identidade, preservação de memória social ou de conhecimentos tradicionais e compartilhamento de uma visão ou vivência estética sobre o mundo.

O divisor de águas nesse movimento pela literatura indígena no Brasil ocorreu justamente quando Cristino Wapichana recebeu a Estrela de Prata do Prêmio Peter Pan, concedida pela renomada instituição suíça IBBY, com o livro

A boca da noite: histórias que moram em mim, seguida de outros prêmios brasileiros importantes.

A trilha virou caminho consolidado. A literatura indígena está firmada. As vertentes apresentam muitas possibilidades, com boas reflexões, diálogos, sutilezas, belezas e infinitas aprendizagens. São muitas vozes, vindas dos vários povos originários que habitam o Brasil. Cada um com sua identidade, mostrando com sua “pena” quem são, qual é sua arte, sua forma atual de compreender o mundo, sua língua e seus encantamentos. Tudo isso compartilhado com muita liberdade e cuidado com todos os que sabem ter ouvidos e olhos de esperança e sonho.

Referências

BARROS, Manoel de. *Poesia completa de Manoel de Barros*. São Paulo: Leya, 2010.

CAGNETI, Sueli de Souza. *Leituras em contraponto: novos jeitos de ler*. São Paulo: Paulinas, 2013.

CAGNETI, Sueli de Souza; PAULI, Alcione. *Trilhas literárias indígenas para sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

GRUBER, Jussara Gomes (org.). *O livro das árvores*. Benjamin Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingues; São Paulo: Global, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. *Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem-viver*. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

NOVAIS, Carlos Augusto. Literatura indígena. In: *Glossário Ceale: termos e alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-indigena>. Acesso em: 20 jan. 2021.

WAPICHANA, Cristino. Makunaima x Macunaima. *Educação em Linha*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 13, p. 16-17, jul./set. 2010. Disponível em: <https://educacaoemlinha.com.br/arquivos/EducacaoemLinha13.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021

FONTES Novecento wide e Mrs Eaves XL Serif OT
PAPEL Couché fosco 150 g/m²

